09

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

09

PÓS-MILENISMO

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA

SABER E FÉ

Conteúdo multimídia e avaliação final

www.saberefe.com/area-do-aluno

Versão da matéria: 1.0

Para verificar se existe uma nova versão para este curso e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

09 **PÓS-MILENISMO**

Sumário

03 ▶ Introdução – Definição

05 ▶ Capítulo 1 ▼ História do pós-milenismo

07 ◘ **O pós-milenismo teonômico**

08 ◘ **Fundamentos teológicos**

10 ▶ Capítulo 2 ▼ Características gerais do pós-milenismo

12 ▶ Capítulo 3 ▼ Comparação entre correntes escatológicas

12 ◘ **Intersecções entre pós-milenismo e pré-milenismo**

14 ◘ **Intersecções entre pós-milenismo e amilenismo**

16 ▶ Capítulo 4 ▼ Pontos fortes do pós-milenismo

17 ▶ Capítulo 5 ▼ Pontos fracos do pós-milenismo

18 ▶ Considerações finais

20 ▶ Apêndice

22 ▶ Literatura indicada

22 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução – Definição

Pós-milenismo é o sistema escatológico que descreve o reino milenar bíblico como um período de predomínio do cristianismo sobre o mundo. Tal predomínio se dá pela conversão de grandes parcelas da população mundial ao cristianismo, como também pelo predomínio da moral e intelectualidade cristã nos negócios deste mundo. Depois que esse sistema de coisas estiver plenamente implantando no mundo, Jesus voltará.

Sem hesitação, o pós-milenismo declara que o mundo está se tornando melhor e que existem períodos curtos durante os quais pode parecer que as forças do mal estão prosperando, porém, se olharmos através da história, veremos, inequivocamente, progresso e melhoramento espiritual. O pecado sempre estará no mundo, até mesmo nos fins dos tempos, mas sua influência será diminuída e os ímpios serão a minoria.

Os princípios e as condutas cristãs tornar-se-ão os padrões aceitáveis, tanto para a vida púbica como para a privada. A educação, os negócios, o governo, a indústria e toda a sociedade estarão sob o domínio da vida e do pensamento cristão.

Em certo sentido, com as devidas ressalvas, uma parcela desse postulado pós-milenista já pode ser observado. Se não, pensemos apenas a guisa de ilustração: a.) a escravidão e a poligamia são praticamente inexistentes; b.) a função das mulheres e das crianças melhorou grandemente neste século; c.) as nações têm começado a cooperar de maneira que a arbitração substitui a guerra e o derramamento de sangue. Ainda seria possível pensar em muitos outros exemplos.

Fato é que nos dias atuais a Bíblia tem sido traduzida e impressa em centenas de línguas nativas. Aproximadamente dez milhões de cópias são vendidas anualmente, de forma que 98% das pessoas do mundo a têm em suas casas. A obra missionária floresce e se expande aos recônditos do mundo. E se o progresso não tem sido tão rápido ou extensivo como poderíamos desejar, a culpa deve ser dirigida à Igreja por não lutar seriamente para evangelizar o mundo em resposta ao mandamento de Cristo.

Como se pode perceber, o pós-milenismo não é apenas um sistema segundo o qual a volta de Jesus se dá após o reino de mil anos, mas se apresenta com uma perspectiva completamente diferente sobre o papel da Igreja no mundo e os resultados dessa presença. Não diz respeito apenas à cronologia dos fatos, mas à própria natureza dos fatos em si. A ideia de reino, a forma de sua manifestação, o papel da Igreja nesse processo, o que devemos esperar do futuro deste mundo – tudo muda com o pós-milenismo. Elementos do reino messiânico são vistos como resultado do triunfo da Igreja neste mundo e não como resultado da presença do Messias nele.

Importante consignar que os pós-milenistas não têm pressa quanto à manifestação plena do milênio. Não importa se ainda faltam centenas ou milhares de anos para que a condição milenar prevista se torne uma realidade. Se hoje o mundo não é o que irá se tornar, não significa, para essa corrente escatológica, que nunca se tornará.

Capítulo 1

▼ História do pós-milenismo

Não há indícios de algo como o pós-milenismo nos dois primeiros séculos da história da Igreja cristã. Na verdade, os cristãos aguardavam o retorno de Cristo para breve, quando então seu reino seria estabelecido nesta terra. A crença na literalidade dos mil anos registrada em Apocalipse 20 era o padrão geral. A visão futurista para as profecias bíblicas predominava. Mesmo que não houvesse um sistema escatológico desenvolvido, os pontos principais como a volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, o governo messiânico, e o juízo final faziam parte da crença geral. Sistematizações mais amplas e detalhadas só começam a aparecer nos três últimos séculos.

Algumas vezes as interpretações físicas desse período e as descrições extremamente fantasiosas levaram alguns pensadores cristãos a questionar sobre isso. No século IV, quando a Igreja passou a ser aceita pelo Império e se expandiu em vários sentidos, surgiu um posicionamento diferente.

Ticônio, um donatista do norte da África, foi o primeiro a apresentar uma visão diferente sobre Apocalipse 20. Muito do seu entendimento foi absorvido por Agostinho, que desenvolveu uma escatologia não pré-milenista, mas que também não pode ser defendida precisamente como amilenista ou pós-milenista.

Sendo assim, uma visão que poderia ser identificada, ao menos em parte, com o pós-milenismo tornou-se dominante após Constantino (312 d.C.). Tanto Eusébio de Cesareia (260-340), o grande historiador da Igreja, quanto Atanásio (296-372), defensor da ortodoxia trinitária, começaram a expressar ideias sobre o Milênio que diferiam daquelas até então correntes. Tais conceitos foram se tornando tão dominantes, que a crença em um Milênio foi condenada como supersticiosa no Concílio de Éfeso (431 d.C.).

09 PÓS-MILENISMO

A Idade Média, caracterizada pelo predomínio da cristianização da Europa, se adaptou, sem dificuldades, a uma identificação plena entre o Milênio e a hegemonia cristã, ou pelo menos, eclesiástica, no período. Os grupos que se levantaram falando a respeito de um reino futuro de Cristo a ser implantado por ocasião de sua volta foram colocados à margem. Ocasionalmente, esses grupos defenderam uma visão semelhante ao pré-milenismo, contudo, o padrão pós-milenista ou amilenista permaneceu predominante nesse período.

Os reformadores, de maneira geral, podem ser identificados com o pós-milenismo, mesmo que não tenham apresentado uma visão escatológica mais completa. As Confissões de Augsburg e Westminster são pós-milenistas em sua essência. Os puritanos, por sua vez, acreditavam fortemente no triunfo mundial do Evangelho, sendo que muitos deles, inclusive, faziam uma defesa da importância do povo judeu muito semelhante ao atual sionismo cristão. Acreditavam que a conversão dos judeus e o retorno para sua terra estavam ligados a essa "era de ouro do cristianismo".

Entre os possíveis nomes dos defensores do pós-milenismo nesse período, podemos citar: João Calvino (1509-1605), Martin Bucer (1491-1551), Teodoro Beza (1519-1605), e Thomas Brightman (1562-1607), este último foi o pai do presbiterianismo inglês e escreveu um comentário influente, *A revelation of the revelation (Uma revelação do Apocalipse)*, no qual apresenta o pós-milenismo em detalhe. Outros puritanos pós-milenistas foram George Gillespie (1613-49), John Owen (1616-83) e Matthew Henry (1662-1714).

Vale lembrar que muitos puritanos tendiam a crer que o Milênio duraria mil anos literais, e que não começaria até os judeus serem convertidos. Muitos sustentavam que eles retornariam à sua terra nesse tempo.

Nos últimos séculos, também líderes proeminentes professaram crenças pós-milenistas, ainda que muitos desses nomes também sejam apontados por amilenistas em seu apoio: Jonathan Edwards (1703-58), William Carey (1761-1834), Charles Hodge (1797-1878), A. A. Hodge (1823-1886), Augustus Strong (1836-1921), B.B. Warfield (1851-1921), e J. Gresham Machen (1881-1937) são alguns exemplos.

Isso não significa que todos eles eram unânimes em suas opiniões com relação ao assunto. O desenvolvimento do sistema pós-milenista, como todo sistema, também tem suas divergências. Sofreu altos e baixos como também sofreu o pré-milenismo e mesmo o amilenismo. Alimentou tendências diversas, às vezes, conflitantes em seu seio. E apesar de ter quase morrido, após as duas guerras mundiais, tem experimentado uma revitalização atualmente.

Não seria justo se não distinguíssemos duas tendências significativas dentre os pós-milenistas. Pelo fato de os liberais geralmente se identificarem como pós-milenistas, a tendência, da parte de muitos conservadores, foi enxergar tal posição escatológica como um desvio teológico. No entanto, tal avaliação nem sempre foi justa.

Os liberais, em sua grande maioria, professavam algum tipo de pós-milenismo – é verdade. Possuíam uma crença na bondade inata do ser humano e, ao reduzir o cristianismo aos seus aspectos éticos, acreditavam que o bem triunfaria na medida em que a moral cristã fosse ensinada. Viveram em um tempo de muito progresso científico e se deixaram influenciar por sua época. Até mesmo o avanço na cura de certas doenças era visto como um sinal de que o mundo caminhava para uma melhoria significativa. Todavia, as duas guerras mundiais foram golpes dolorosos contra essas perspectivas otimistas.

Isso não quer dizer que a fé dos teólogos liberais no avanço do progresso por meio das ciências e das instituições humanas fosse partilhado por todos os pós-milenistas. Muitos deles acreditavam que só uma ação poderosa do Espírito Santo, por meio de um avivamento, poderia estabelecer um sistema de coisas como o que aguardavam. Muitos deles, inclusive, rejeitavam o chamado "evangelho social", em que o papel do cristianismo ficava restrito à mera ação social, negando aspectos essenciais da teologia cristã. Esses pós-milenistas se destacaram como avivalistas, missionários, escritores e mestres. Eram piedosos e sustentavam uma cosmovisão bíblica em seus ensinos.

◘ O pós-milenismo teonômico

Atualmente, há, dentro da corrente pós-milenista, o que é chamado de teonomia ou reconstrucionismo cristão. Está ligada à introdução de leis com base cristã dentro da legislação de uma sociedade, de modo a fazer com que valores cristãos sejam incorporados aos costumes e à cultura. O termo se origina de *theos* – Deus, e *nomos* – lei. Seria uma introdução das leis bíblicas nas leis humanas.

Temos aqui uma semelhança muito grande com aquilo que o islamismo denomina de *sharia*, conceito segundo o qual as leis do Alcorão se tornam as leis de uma nação. No teonomismo, isso seria feito de modo mais suave e gradativo, sem agredir a sociedade ou o indivíduo.

Este movimento teve início na década de 1960 e tomou por base alguns pronunciamentos da *Confissão de Fé de Westminster* e de teólogos ingleses, tais como George Gillespie. Por sua semelhança com ideias puritanas, o movimento também é conhecido como neo-puritanismo. Os puritanos viveram em uma época na qual não havia uma dicotomia entre o secular e o religioso tão intensa quanto esta com a qual nos deparamos em nossos dias. O Ocidente presenciou um distanciamento da influência cristã em sua cultura e, consequentemente, em suas leis. Para o pós-milenista teonômico, o milênio seria não apenas um retorno àquela condição do passado, mais um aperfeiçoamento da sociedade dentro dos moldes cristãos.

As normas bíblicas de justiça seriam o resultado normal do avanço e do aprofundamento do Evangelho no mundo. As leis do Antigo Testamento seriam novamente observadas, embora interpretadas de modo apropriado, de maneira a se adaptarem às condições no novo pacto e também à cultura local. Talvez um exemplo puritano seja a guarda do domingo, expressado por meio de uma mudança em que o mandamento da guarda do sábado constante no decálogo é adaptado para uma cultura cristã.

O pós-milenarismo teonômico (uma característica do reconstrucionismo cristão) combina o gradualismo inter-adventício da moderna variedade genérica com interesses sociopolíticos da antiga forma puritana. O pós-milenarismo teonômico vê o gradual retorno às normas bíblicas de justiça civil como uma consequência do sucesso da difusão do Evangelho por intermédio da pregação, do evangelismo, das missões e da educação cristã. A perspectiva político-judicial do reconstrucionismo inclui a aplicação das diretrizes definidoras da justiça na legislação do Antigo Testamento, quando adequadamente interpretadas, adequadas às condições do novo pacto e aplicadas com relevância.[1]

É importante esclarecer que os pós-milenistas modernos não defendem qualquer tipo de união entre Igreja e Estado. Isso foi comum entre os puritanos, que viveram em uma Inglaterra onde isso era um fato. Entendiam que a única maneira de as leis bíblicas se tornarem leis civis seria por intermédio dessa simbiose. O mesmo se deu entre os puritanos na América. Os modernos, todavia, defendem rigorosamente a separação entre Igreja e Estado. Neste caso, a influência bíblica sobre as leis se daria pela ampla e forte presença da Igreja nas várias instâncias do poder e da cultura.

Devido à visão otimista da história do mundo, os pós-milenistas tendem a fazer uma leitura preterista das profecias relacionadas ao juízo divino. Segundo essa linha interpretativa, os elementos negativos presentes nos discursos proféticos tiveram seu cumprimento no primeiro século da era cristã. Boa parte deles diz respeito principalmente aos eventos que envolveram a rebelião dos judeus contra o Império Romano e a posterior destruição de Jerusalém e do Templo. Essa é uma forma de amenizar o choque entre as profecias negativas sobre o tempo do fim e as interpretações otimistas do pós-milenismo.

◘ Fundamentos teológicos

O pós-milenismo busca fundamentos teológicos gerais para embasar suas afirmações e perspectivas. Tais fundamentos não diferem essencialmente dos fundamentos apontados por outras correntes escatológicas, apenas faz uma interpretação particular desses fundamentos. Devemos lembrar que o Estado de bem-aventurança previsto por essa linha não é distinto das condições futuras das

[1] BOCK, Darrell, *O Milênio: três pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2005, p.18,19.

demais correntes. A diferença está no tempo e no modo como isso se dá. Entre os fundamentos teológicos temos, principalmente, os seguintes:

1) O propósito da criação – uma leitura de Gênesis 1 e 2 deixa claro que o caos não foi a finalidade da criação. Tudo foi feito e considerado muito bom, com um domínio harmonioso, em conformidade com os propósitos divinos originais para os seres humanos. O Milênio seria apenas a concretização desse propósito intrínseco na própria criação. E a Igreja foi criada justamente para esse fim, ou seja, reestabelecer a ordem perdida.

2) A soberania de Deus – Deus pode todas as coisas e não há porque limitar o poder dele às capacidades humanas. Sua Palavra foi confiada à Igreja e não retorna vazia (Is 55.11). Os pós-milenistas não acreditam que tal situação restaurada será fruto da sabedoria ou da engenhosidade humana, mas tão somente de uma ação da graça divina que colocará tudo em seus devidos lugares. Seria tão somente resultado da graça de Deus, que tem poder para efetivar tudo o que foi predito em sua Palavra.

3) A provisão divina – Deus já teria suprido sua Igreja com tudo o que ela necessita para cumprir sua missão. Poder, sabedoria, graça – todos esses elementos somados levariam a Igreja a cumprir a proposta da Grande Comissão, levando boa parte do mundo à conversão. Sendo maioria, a aceitação de padrões bíblicos para a sociedade seria mera questão de tempo.

Reunindo os três aspectos teológicos, propósito, soberania e provisão, os pós-milenistas não veem razões para duvidar do quadro escatológico apontado. De certo modo, continuamente apelam para a fé, mais do que para a realidade. Convidam a ignorar os atuais obstáculos a esse quadro e a um apego corajoso àquilo que considera a previsão bíblica para o futuro do mundo. Não importa quanto demore, as barreiras serão vencidas.

Esse é outro aspecto inerente ao pensamento pós-milenista. Não tem o mesmo sentido de urgência do pré-milenismo, segundo o qual uma vinda iminente de Cristo coloca a Igreja em estado de alerta. O pós-milenista não tem pressa. Aponta dificuldades que já foram vencidas no passado como prova de que no futuro as barreiras atualmente existentes também serão vencidas. Não importa quantos anos, décadas ou séculos levará para que o Milênio seja estabelecido, ele o será definitivamente. Ponto final. Tudo colabora para isso. O islamismo, a secularização, o espírito anticristão no meio intelectual – nada disso representa impedimento real para o pós-milenista. Essas e outras realidades que possam surgir não devem levar o cristão a duvidar da realização do plano divino para o mundo, a humanidade e a história. Não é no jornal de amanhã que se encontra a certeza do futuro escatológico, mas nas Escrituras.

Capítulo 2

▼ Características gerais do pós-milenismo

Ainda que os pontos a seguir possam variar de autor para autor ou de corrente para corrente, refletem, em seus contornos gerais, o credo escatológico do pós-milenista. Ele resiste a qualquer pessimismo ou mesmo à apresentação negativa das condições reais do mundo, compreendendo que essa é a descrição exata do Evangelho com relação ao avanço do Reino de Deus no mundo.

É, sem dúvida, a corrente escatológica mais singular e provoca uma mudança comportamental diferenciada nos cristãos que a professam. Por tratar-se de minoria, apresenta de modo tímido seus pontos principais. Vejamos quais são eles:

1) A difusão universal do Evangelho ocorrerá na história, resultando na salvação de muitas almas ou, como nosso Senhor expressa, no "ajuntamento dos seus eleitos" (Mt 24.31). Esse é o chamado e propósito primário da Igreja: "fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28.18,19). O pós-milenista acredita que o cumprimento da Grande Comissão não resultará apenas em uma representatividade étnica diante do trono, mas em uma conversão significativa dos povos. A eficácia do Evangelho se mostrará de forma quantitativa e não apenas qualitativa.

2) Com a expansão do Evangelho e a influência de homens e mulheres de Deus santificados na sociedade, longos períodos de paz, e bênção econômica nas nações cristãs, haverá propagação adicional do Evangelho em áreas não convertidas da terra. Deveria ser observado que o ponto em que os pós-milenistas diferem de seus irmãos amilenistas e pré-milenistas são, principalmente: a visão do Reino de Deus em expansão ininterrupta e da Igreja como o grande motor para aumentar as bênçãos, bem como a paz e a prosperidade nas nações da terra. Aqui, além da eficácia quantitativa do Evangelho, há uma eficácia qualitativa, segundo a qual o número de conversos influenciará todas as áreas da sociedade, resultando em uma situação de bênção e paz desfrutada pela presença de Deus.

3) A conversão dos judeus étnicos deve ser nacional. Assim como a rejeição deles foi nacional, embora um remanescente tenha sido salvo, a conversão deles será nacional, ainda que alguns possam permanecer endurecidos (Rm 11.25,26; At 28.25-29). Conquanto nem todos os pós-milenistas ao longo da história reconheçam algum papel significante com relação aos judeus, outros procuram alinhar sua visão escatológica com algumas profecias relativas a eles, tanto do Novo quanto do Antigo Testamento. O resultado é uma reconciliação étnica dos judeus, que se não é total, pelo menos é abrangente o suficiente para se falar de uma conversão nacional.

4) Após a Grande Comissão ser cumprida, haverá uma apostasia ou deserção geral, que ocorrerá por um breve tempo antes da Segunda Vinda do Senhor (Ap 20.7-9). De algum modo, alguns pós-milenistas modernos têm procurado não ignorar as passagens que falam de uma apostasia, de uma situação de caos moral e religioso para o tempo do fim. Então, alinham a soltura de Satanás do texto do Apocalipse com esse período. Não é difícil ver o quanto essa perspectiva se ajusta aos aspectos da Grande Tribulação prevista pelos pré-milenistas.

5) A prisão de Satanás também faz parte do sistema pós-milenista. Como no amilenismo, o Diabo teria sido preso como resultado da obra redentora de Cristo. Isso não significaria, porém, dentro da perspectiva pós-milenista e amilenista, uma total inatividade de Satanás. Significaria apenas que, de algum modo, está limitado em suas ações e não pode oferecer resistência consistente à propagação do Evangelho. A referência à sua prisão não se trata de algum evento futuro, que há de se concretizar com a vinda de Cristo, mas como elemento do passado, já experimentado pela igreja atual.

6) O Reino de Deus que jaz entre nós vai se tornando cada vez mais presente. Seu poder e seus valores se estabelecerão gradativamente através do crescimento quantitativo e qualitativo da Igreja. Em vez de um cataclismo que impõe o Reino a esse mundo mau, temos uma ação paulatina e gradual que transformará o Reino invisível em um Reino visível e tangível. Esse é um ponto essencial na visão pós-milenista, isto é, a graduação em oposição à invasão, a ação paulatina da Igreja de Cristo em oposição à ação apocalíptica do próprio Cristo. Um Reino de Deus que se projeta "sorrateiramente" entre o reino dos homens em oposição a um Reino de Deus que se choca abruptamente contra o reino dos homens.

Capítulo 3

▼ Comparação entre correntes escatológicas

Aprendendo por contrastes, percebemos as diferenças essenciais entre as correntes escatológicas quando destacamos seus contornos. Há pontos idênticos entre as correntes escatológicas. Mesmo porque, há um núcleo inquestionável da revelação que ninguém pode negar sem cair no pântano das heresias. O retorno literal de Jesus é um deles. No detalhamento é que as diferenças surgem. Se todas alegam ter sua origem nas Escrituras, a presença de divergências não pode anular as convergências. Embora haja olhares diferentes, trata-se de olhares diferentes para o mesmo objeto. Portanto, há pontos comuns entre as três correntes.

A tendência natural de qualquer ser humano é enxergar seus pontos de vista como inquestionáveis, encontrando falhas nos diferentes e apenas perfeições em seus próprios. É quase impossível uma comparação isenta, mas ainda assim uma aproximação dos pontos principais de cada corrente se faz necessária. Vejamos.

◘ Intersecções entre pós-milenismo e pré-milenismo

Nossa primeira comparação será entre pós-milenismo e pré-milenismo, que com certeza apresenta o maior contraste entre os modelos existentes. Wayne Grudem assim expõe a diferença essencial entre essas correntes:

> A esta altura, contudo, devemos fazer uma distinção bastante significativa. O "Milênio" que os pós-milenistas sustentam *é muito diferente do* "Milênio" a que os pré-milenistas se referem. Em certo sentido, eles não estão falando sobre a mesma coisa. Enquanto os pré-milenistas falam a respeito da terra renovada com Jesus Cristo fisicamente presente governando como um rei, junto com os crentes glorificados com corpos ressurretos, os pós-milenistas estão simplesmente falando de uma terra com

> muitos, muitos cristãos influenciando a sociedade. Eles não concebem um milênio consistindo em uma terra renovada ou em santos glorificados ou ainda em Cristo presente de forma corporal para reinar (pois pensam que essas coisas acontecerão após o retorno de Cristo para inaugurar o estado eterno). Portanto, a discussão completa do Milênio é mais que simplesmente a discussão da sequência de eventos que o cercam. Ela também envolve uma diferença significativa sobre a própria natureza desse período de tempo.[2]

É fácil perceber quão fracos são os prefixos "pós" e "pré" para definir as diferenças entre as duas correntes. A princípio, nos dão impressão de serem apenas partículas definindo diferenças cronológicas, quando, na verdade, há uma diferença de essência na concepção que ambas fazem com respeito ao Milênio. O momento em que ele ocorreria para uma e outra corrente não é o que definitivamente as distingue. Diferenciam-se, principalmente, no que diz respeito à natureza e aos detalhes. A própria base hermenêutica as diferencia.

Para os pré-milenistas, o Reino é literal, físico, presencial, tangível. Muito diferente de qualquer condição que se possa identificar agora, mesmo em países fortemente influenciados pelo cristianismo. O domínio de Cristo é literalmente um governo político, em que os reis da terra estão cientes de sua existência e soberania, sem haver como contestá-la. Não se trata do fato de que só os salvos têm consciência, mas de um fato percebido por todas as nações do mundo. Não há espaço para falsas adorações ou mesmo para algo enganoso, como o islamismo. Cristo governará no Milênio como qualquer rei ou presidente governa na atualidade. Entretanto, sua soberania será universal e incontestável. O mesmo se pode dizer de sua Igreja, que então participará ressurreta desse sistema mundial. Não se trata de uma concepção teológica do governo messiânico invisível, mas de poder político participativo, mensurável, histórico e temporal, semelhante aos reinos e governos que tivemos até hoje.

No pós-milenismo, por sua vez, a literalidade é excluída. A começar pela própria palavra "milênio", que longe de ser um período literal de mil anos, não passa de um número simbólico referente a um período de duração indefinido. O domínio de Cristo não se dará com sua presença entre os homens, mas através de suas ideias e ideais propagados pela Igreja. Nenhuma palavra utilizada para definir esse tempo deve ser entendida em seu sentido literal, mas apenas na acepção alegórica e simbólica. "Lobo e cordeiro" comendo juntos apenas refletem a paz que haverá entre inimigos outrora declarados. As honras demonstradas ao rei messiânico não passam de uma reverência geral ao cristianismo e à Igreja. Será um período distinto na história, mas não tão distinto quanto o Milênio pré-milenista.

---

[2] GRUDEM, Wayne. *Manual de doutrinas cristãs*. São Paulo: Vida, 2007, p.487, 488.

◘ Intersecções entre pós-milenismo e amilenismo

Algumas vezes, as semelhanças entre essas duas linhas são tantas que terminam por serem confundidas. Não é incomum que defensores atuais de ambas as correntes apontem os mesmos autores do passado para apoiar seu posicionamento. Talvez, porque a intensidade e minúcia do pré-milenismo tenha obrigado a essas correntes a busca por uma definição mais precisa de seus pontos de vista. Se ao longo da história muitos teólogos não foram claros quanto aos seus posicionamentos escatológicos, suas afirmações deixaram lacunas que permitiram interpretações diversas. Pós-milenistas e amilenistas conseguiram ver na afirmação desses pensadores cristãos base suficiente para confirmar seus próprios pontos de vista. Não porque tais pensadores fossem pós-milenistas ou amilenistas necessariamente, mas por serem ambíguos o suficiente a ponto de parecer apoiar qualquer um dos dois.

Entretanto, amilenistas e pós-milenistas discordariam dessa semelhança. E, de fato, ainda que certos posicionamentos sejam convergentes, isso não significa que não existam divergências significativas. Hermenêutica alegórica; milênio não literal e atual; domínio apenas espiritual; Satanás preso agora, mas solto ao final, o que significaria um período ruim para o final da história do mundo, são alguns dos pontos nos quais amilenismo e pós-milenismo concordam.

No entanto, o Milênio do pós-milenista também não é igual ao Milênio amilenista. Mesmo que o pós-milenista não aceite as descrições literais aceitas pelo pré-milenista, entende que o Milênio não é igual ao período da Igreja. Antes é um período distinto dentro do próprio período da Igreja. Enquanto o amilenista não está esperando nada diferente até o retorno de Cristo, o pós-milenista acredita que Cristo não voltará até que esse período distinto aconteça. O Milênio amilenista é a história da Igreja. O milênio pós-milenista é um período distinto e glorioso da história da Igreja. As profecias relativas a um governo físico de Cristo, para o amilenista, se cumprirão somente após o seu retorno. Para o pós-milenista, por sua vez, terá lugar de forma simbólica agora em algum momento da história.

Em termos de realismo bíblico, podemos dizer que o mais realista é o Milênio do pré-milenista, com sua interpretação literal das passagens bíblicas referentes. Em seguida, temos o Milênio do pós-milenista, para quem o período se distingue dos demais da história do mundo, embora bem menos realista do que o pré-milenista. Por fim, temos o Milênio do amilenista, que não oferece qualquer característica distinta da história da Igreja. Não há comparativos que possam dizer que estamos vivendo em um período especial da humanidade sob um governo de Cristo de qualquer espécie. Temos aqui três Milênios distintos em cada uma dessas correntes.

Resumindo, temos:

Semelhanças entre as duas linhas temos:
Interpretação não literal do termo mil anos
Interpretação não literal das passagens referentes ao Reino messiânico
Localização do Milênio na atual dispensação da Igreja
Crença no aprisionamento de Satanás a partir da morte e ressurreição de Cristo

Capítulo 4

▼ Pontos fortes do pós-milenismo

Em nosso meio teologicamente influenciado pelo pré/amilenismo, o pós-milenismo nos parece estranho, parece uma visão desta era, difícil de ser justificada pelas Escrituras. Parece completamente artificial e em desacordo com a realidade. No entanto, esta corrente possui características positivas que devem ser levadas em consideração.

a) O pós-milenismo enfatiza um papel ativo para a Igreja em seu contexto social e político. Na verdade, não apenas o enfatiza como também o justifica e o incentiva. A grande crítica pós-milenista ao pré-milenismo e que merece ser considerada é que este último relegou o mundo à sua própria sorte, o entregou à sua própria destruição. Devido a esta visão pessimista do mundo, o número de cristãos convertidos acaba por ter pouca influência concreta na sociedade.

b) O pós-milenismo ameniza a visão pessimista do mundo sustentada pelos pré-milenistas. O pré-milenismo acredita não ser possível colaborar de qualquer modo para a melhoria do mundo. O máximo que se pode fazer é salvar o maior número de pessoas enquanto "o navio afunda". E fará isso até que Jesus retorne e efetivamente transforme o mundo e suas relações.

c) O pós-milenismo apresenta uma visão mais coletiva e estrutural da salvação. Não se trata apenas de mudar algumas pessoas, mas de mudar estruturas e comunidades. Nosso evangelho ocidental é muito individualista e, portanto, tem sua visão de salvação limitada, pulverizada. O pós-milenismo, com uma visão de avanço gradativo do Reino, pensa em uma ação do Evangelho mais ampla.

Essas colocações não são dogmáticas e definitivas. Não negam que mesmo pré-milenistas ou amilenistas sejam apáticos com relação aos males e injustiças. Muitos são os cristãos de todas as linhas escatológicas que contribuíram para a melhoria do mundo em suas respectivas áreas de atuação. Entretanto, não restam dúvidas de que nossa visão escatológica nos influencia. Ela nos freia ou nos impulsiona para determinadas atitudes.

MATERIAL EXCLUSIVO PARA ALUNOS MATRICULADOS

Capítulo 5

▼ Pontos fracos do pós-milenismo

Temos de levar em consideração alguns aspectos do pós-milenismo que geralmente são destacados pelos defensores de outras linhas escatológicas. Há algumas dificuldades em harmonizar essa corrente com certos aspectos da revelação bíblica.

a) Seu otimismo pode ser bom, mas foge da realidade histórica. Tanto que as guerras mundiais foram um golpe forte no pós-milenismo. A barbárie do nazismo, manifestado por uma das nações tidas como entre as mais civilizadas do mundo, revelou que a humanidade não havia evoluído moralmente.

b) Também, apesar do crescimento do cristianismo, principalmente do evangélico, há dificuldades intransponíveis em uma perspectiva de conversões mundiais significativas. O bloco islâmico consiste em uma civilização essencialmente anticristã, logo, uma inversão nas situações atuais é uma chance bastante remota.

c) O pós-milenismo também ignora aspectos bíblicos bem claros, como a corrupção irremediável do gênero humano, imaginando uma amenização com o avanço do cristianismo. Ignora também as várias descrições negativas do tempo do fim apontadas pelas Escrituras.

d) O modo como os pós-milenistas tratam as duas ressurreições mencionadas em Apocalipse 20 também sofre da mesma artificialidade que encontramos no amilenismo. A primeira ressurreição mencionada seria espiritual e somente a segunda seria uma ressurreição física. É difícil sustentar hermeneuticamente tal posição.

e) O que mais pesa sobre o aspecto prático do pós-milenismo é que ao longo do tempo os aspectos políticos e materiais que o envolveram foram negativos. A visão pós-milenista apoiou o nazismo e abraçou, muitas vezes, a ideologia marxista como forma de efetivar o Reino de Deus. Sua politização o torna vulnerável às ideologias humanas.

▼ Considerações Finais

Como vimos, o futuro influencia muito nosso presente. O pensamento pós-milenista impulsiona os cristãos para uma participação efetiva nos negócios deste mundo. Pelo simples fato de não esperar que Cristo venha para estabelecer o Reino e sim que a Igreja o introduza, o pós-milenismo tende a ser muito mais envolvido em diversas questões. Quer influenciar este mundo como cristão, transformar o mundo de acordo com os padrões das Escrituras. O cristão pós-milenista quer ser o fermento transformador que vai levedar a massa, no sentido positivo.

Não vê este mundo como um navio que inevitavelmente afundará e que cabe a ele retirar o maior número de pessoas nos botes salva-vidas. Vê o mundo como um navio danificado, cabendo a ele consertá-lo para que Cristo volte ao mundo. Isso o faz comprometido com os negócios desta vida de um modo diferente de outros cristãos.

Por outro lado, sua atitude de envolvimento e otimismo com respeito a esse mundo e as possibilidades de aperfeiçoamento o torna vítima fácil das utopias. Ainda que nem todos os pós-milenistas acreditem na bondade inata do homem, a verdade é que a crença na confecção de um futuro glorioso obriga-os a ignorar as demonstrações de maldade na humanidade e focar apenas os pontos positivos. Correm o risco de cair no mesmo erro dos liberais e dos pastores que apoiaram Hitler, abraçando, ingenuamente, qualquer causa que se pronuncie bem intencionada.

Enquanto o pessimismo do pré-milenista o protege de qualquer aparente projeto humano que defenda o bem da humanidade, o pós-milenista tende a abraçá-lo. O governo mundial da ONU, as aparentes reivindicações de justiça por parte das políticas esquerdistas e quaisquer propostas humanas para o bem da humanidade podem ser abraçadas facilmente pelos pós-milenistas. Nem sempre a linha divisória entre Igreja e mundo é mantida. Ainda que alguns apresentem uma espiritualidade cristã autêntica e procurem fugir de muitos erros cometidos no passado pelo pensamento pós-milenista (como estar ligado à teologia liberal), não conseguem fugir do estigma de utopistas.

O pós-milenismo possui uma cosmovisão particular em alguns aspectos, principalmente, naquilo que diz respeito aos rumos da história no mundo. Muitos não estão vendo um mundo em decadência, pelo contrário, estão vendo o progresso moral da humanidade, auxiliado pela influência cristã. Estão firmemente absorvidos pela ideia de progresso.

09 PÓS-MILENISMO

Algumas vezes, os pós-milenistas derivaram suas crenças no progresso não da Bíblia, mas de pensadores iluministas e cientificistas, que embriagados pelas conquistas humanas dos últimos séculos acreditavam que os homens construiriam um mundo melhor. Tal esperança foi frustrada pelas guerras mundiais que manifestaram todo horror da maldade humana. Esses pós-milenistas eram, por definição, humanistas e, muitos deles, adeptos da teologia liberal, que nada mais foi do que o humanismo usando termos da teologia cristã.

É fato que nem todos os pós-milenistas se encaixam nesse perfil. Alguns acreditam em uma ação divina poderosa para trazer à luz esse estado de coisas. Diferentes dos anteriores, não acreditam que meras políticas sociais ou o simples desejo humano poderá produzi-lo

▼ Apêndice

A relação a seguir se refere aos aspectos pós-milenistas da *Igreja Reina*, que professa essa linha escatológica, divergindo da maioria das igrejas brasileiras que são pós-milenistas ou amilenistas. A apresentação do credo abaixo tem a finalidade apenas de exemplificar este posicionamento com as respectivas passagens bíblicas que julgam apoiar sua linha escatológica. Vejamos:

"Cremos:

34. No progresso do Evangelho, no cumprimento da Grande Comissão, que culminará na conversão de todas as nações, provocando no mundo as condições de justiça e paz, que devem caracterizar a idade áurea do Milênio que precederá o Retorno de Cristo a Terra (Sl 22.27-31; 72.11,17,19; Is11.9; 40.5; 45.23; Dn 2.35,44-45; At 3.21; Rm 16.26; 1Co 15.24-25);

35. Que o Milênio representa o período compreendido entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Por isso, não deve ser entendido literalmente. Foi instaurado quando Cristo ascendeu ao Céu, e chegará ao fim quando Ele retornar à Terra, sendo substituído pelo Estado Eterno (1Co 15.24-28);

36. Que Cristo reina como Deus sobre o trono do Pai, e como Homem sobre o trono de Davi, possuindo assim toda autoridade nos céus e na terra (Mt 28.19-20; Hb 1.8; Ap 3.21; Lc 1.32; At 2.29-36);

37. Que como Rei, Jesus Cristo está no controle de todas as coisas, regendo as nações da Terra com cetro de ferro, trazendo juízo sobre as rebeldes, e recompensando as que reconhecem a sua soberania e obedecem à sua Palavra (Sl 2.1-12; 72.8,11,17; 86.9; Is 9.6-7; Ap 19.15-16);

38. Que Satanás e suas hordas encontram-se derrotados, e amarrados, no sentido de não poderem coibir o avanço do Evangelho às nações do mundo (Is 49.24-25; Mt 12.28-29; Lc 11.20-22; Cl 1.13; 2.15; Hb 2.14; 2Pe 2.4; Jd 6; Ap 20.1-3);

39. Que Cristo se manifestará visivelmente pela segunda vez, para estabelecer seu Tribunal, e inaugurar na Terra o Estado Eterno, do qual participarão os santos de todas as eras (Mt 25.31-34; At 17.31; 1Ts 4.13-17; Hb 9.28);

40. Que o Evangelho tem poder para transformar a sociedade, tanto quanto para transformar o indivíduo (Is 58.11-12; 61.1-4; At 8.6-8);

41. Que todas as coisas, tanto as que estão nos céus (invisíveis e espirituais), quanto as que estão na Terra (visíveis e materiais), foram criadas por Deus, sendo Cristo a origem, o sustentador, e o alvo de sua existência. Portanto, a criação como um todo é originalmente boa, e tem como propósito o louvor da glória do seu Criador (Gn 1.31; Jo 1.1-3; Cl 1.16-17; 1Tm 4.4; Hb 1.1-3; 2.10);

42. Que o pecado danificou a ordem original, trazendo maldição sobre toda a criação (Gn 3.17; Rm 8.20);

43. Que o propósito original de Deus para a criação não foi descartado, e que, por meio de Cristo, é retomado. Nele, Deus fez convergir todas as coisas, tanto as espirituais quanto as materiais, promovendo assim a harmonia que havia se perdido, e a reconciliação entre a criação e o Criador (Ef 1.9-10; Cl 1.20);

44. Que a Nova Criação é produto da reconciliação entre Deus e sua criação original. Aos poucos, a criação atual vai dando à luz uma nova criação. Se Cristo é o segundo Adão, e nós somos novas criaturas, logo, deve haver também um Novo Céu e uma Nova Terra (Rm 8.22; Is 66.8,22; 1Co 5.17-19; Ap 21.1,5-6);

45. Que pela proclamação da Igreja, o processo de restauração viabilizado, inaugurado e desencadeado pela cruz de Cristo é manifestado aos homens, convocando-os a trabalhar pela reconstrução da sociedade, e a zelar pela criação (Rm 8.19-21; Ef 3.8-11; Is 61.4; Is 58.12);

46. Que Deus fez o homem para exercer domínio sobre a Terra; sendo ele a imagem e semelhança de Deus, e a coroa da criação, estando incumbido de protegê-la, desenvolvê-la e usufruir de seus benefícios (Gn 1.26-28; 3.23; 9.1-3; Sl 8.4-6);

47. Que ao pecar, o homem entregou seu principado a Satanás, que a partir de então tornou-se o príncipe deste mundo. E que Cristo, ao se fazer homem, retomou aquilo que foi confiado ao homem, despojando o diabo da autoridade que possuía sobre as nações (Lc 4.5-6; Jo 12.31; Ap 11.15-17);

48. Que através de Cristo, o homem é reconduzido à sua posição original de domínio (Dn 7.27; Rm 5.17; Ef 2.6; Ap 1.6; 5.10; 20.6);

49. Que a Igreja é a Nova Jerusalém, tipificada em Apocalipse, a Esposa do Cordeiro, a sociedade criada por Deus para servir de paradigma às nações (Ap 21.2,9-10; Mt 5.4);

50. Que a Igreja é o único povo de propriedade exclusiva de Deus, posto antes ocupado por Israel (1Pe 2.9-10; Ex 19.5-6; Rm 9.8,25-26; 11.7; Mt 21.43; Gl 4.24-31);

51. Que a última nação a converter-se ao Evangelho será Israel, e assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos (Rm 11.11-15,25-26; Mt 20.16)."

▼ Leitura indicada

BOCK, Darrell L. (Org.). *O Milênio: três pontos de vista* (Coleção Debates Teológicos). São Paulo: Vida, 1999.

▼ Referências bibliográficas

- ✓BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz para o caminho, 1990.
- ✓BOCK, Darrell L. (Org.). *O Milênio: três pontos de vista* (Coleção Debates Teológicos). São Paulo: Vida, 1999.
- ✓ERICKSSON, Millard. E*scatologia: a polêmica em torno do Milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- ✓ERICKSSON, Millard. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- ✓HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- ✓JENKINS, Philip. *A próxima cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ✓KAHLER, Erich. *Que és la historia?* México: Fondo de Cultura Econômica, 1966.
- ✓LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- ✓LEWIS, C.S. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ✓LINDSEY, Hal. *O arrebatamento*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ✓MOLTMANN, Jurgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Teológica, 2003.
- ✓OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- ✓OLSON, Roger. *História das controvérsias na teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2004.
- ✓PENTECOST, J. Dwight. *Manual de escatologia*. São Paulo: Vida, 2006.
- ✓WACHHOLZ, Wilhelm. *História e teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- ✓WILSON, David A. *A história do futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- ✓PATE, C. Marvin (Org.). *As interpretações do Apocalipse: quatro pontos de vista* (Coleção Debates Teológicos). São Paulo: Vida, 2001.
- ✓FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

www.saberefe.com
Acesse agora!

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ